

temperada 2002

Academy of St. Martin in the Fields Chamber Ensemble



SOCIEDADE DE
CULTURA
ARTÍSTICA

Mantenedores e Amigos da Sociedade de Cultura Artística

Mantenedores

Affonso Celso Pastore
Agência Estado
Alain J. Costilhes
Alberto Martins
Alberto Soares de Almeida
Alexandre Fix
Aluizio Rebello de Araújo
Álvaro Luiz Fleury Malheiros
Antonio Carlos de Araújo Cintra
Antonio Correa Meyer
Antonio Hermann D. M. de Azevedo
Arsenio Negro Jr.
Beatriz Botelho Hime
Bruno Licht
Carlos J. Rauscher
Carlos Nehring Neto
Cláudio Alberto Cury
Cláudio Thomaz Lobo Sonder
Eduardo Brenner
Erico Stickel
Felipe Arno
Fernando Carramaschi
George Gerard Arnhold
Gérard Loeb
Gian Carlo Gasperini
Henrique Brenner
Henrique Fix
Israel Vainboim
Jayme Blay
Jayme Sverner
Jorge Diamant
José e Priscila Goldenberg
José Carlos Moraes de Abreu
José E. Mindlin
José Luis de Freitas Valle
José M. Martinez Zaragoza
José M. Pinheiro Neto
José Roberto Opice
Lucília Diniz
Luís Stuhlberger
Luiz Rodrigues Corvo
Luiz Villares
Maria de Lourdes A. Machado
Maria Prudência de V. Resende
Mario Arthur Adler
Mauris Warchavchik
Michael e Alina Perlman
Minidi Pedroso
Nelson Nery Jr.
Nelson Zuanella
Oscar Vicente Ferro
Oswaldo Daunt Salles do Amaral
— In Memoriam
Plínio José Marafon
Redegas Natural
Ricardo Augusto Gallo
Roberto e Yara Baumgart

Rosa Maria Z. Rinzler
Ruy e Célia Korbvicher
Sérgio Almeida de Oliveira
Tales P. Carvalho
Thomas Michael Lanz
Vavy Pacheco Borges
Wolfgang Knapp

1 Mantenedor anônimo

Amigos

Alberto Emanuel Whitaker
Alexandre Rauscher
Alice Alves de Lima
Amélia de Giacomo
Ana Maria L. V. Igel
Anna Maria Tuma Zacharias
André Jum Yassuda
André Luiz Shinji Hayata
Andrea Sandro Calabi
Angelo Franchini Neto
Antonio Carlos Pereira
Antonio Roque Citadini
Arnold Wald
BVDA / Brasil Verde Design
Carla Milano
Carlos P. Rauscher
Centauro Equip. de Cinema e Teatro
Claudia Lorch
Cláudio Halaban
Dario Chebel Labaki Neto
David Casemiro Moreira
Domingos Durant
Dora Halaban
Doris Alexander
Edith Ranzini
Edson Eidi Kumagai
Eduardo L. P. R. de Almeida
Eduardo e Lina Wurzman
Eduardo M. Zobaran
Eduardo Telles Pereira
Elio Sacco
Elisa Wolynec
Ester Zemel
Ezequiel Dutra
Fábio Konder Comparato
Felipe e Hilda Wroblenski
Fernando K. Lottemberg
Fernão Carlos B. Bracher
Francisco H. de Abreu Maffei
George Longo
Gerry Lingfield
Graziela Lafer Galvão
Gyorgy Böhn
Hannelore Kersten Wolff
— In Memoriam
Heinz Jorg Gruber
Heloisa Lourdes Alves Motta

Heraldo Luis Marin
Hilda Mayer
Horácio Leirner
Horácio Mário Kleinman
Isabel Sobral
Jacques Siekierski
Jairo Cupertino
Jenny Musatti
João Baptista Raimo Jr.
Lea Regina Caffaro Terra
Lena Strumpf
Leon Reitzfeld
Leopoldina de Faria Ribeiro
Lia Fukui
Lilia Salomão
Livreria Cultura Editora
Lucila Pires Evangelista
Marcello Franco
Marcelo e Rita Secaff
Maria Angeles Fanta
Maria Carolina Brando
Maria Cláudia Viana
Maria Cristina Viana Kuntz
Mário Higino N. M. Leonel
Marta D. Grostein
Martha E. de Souza Queiroz
Michelle Luigi Pennavaria
Miguy Azevedo Mattos Pimenta
Milu Villela
Morvan Figueiredo de Paula e Silva
Olga Tieppo
Oscar Lafer
Rafael Jordão Mota Vecchiatti
RCS Consultores
Regina Benna Zemel
Regina Sverner
Regina Weinberg
Rita de Cássia Caruso Cury
Roberto Bumagny
Roberto Calvo
Rubens Halaban
Rubens Muskat
Rui Fontana Lopez
Ruy Souza e Silva
Seiko Sato
Sérgio Leal Carvalho Guerreiro
Silvio Meyerhof
Tamas Makray
Tarcísio V. Ramos
Thomas Farkas
Walter Ceneviva
Wilson Carmignani

19 Amigos anônimos

temporada 2002



Academy of St. Martin in the Fields Chamber Ensemble

LEI DE
INCENTIVO
À CULTURA



MINISTÉRIO
DA CULTURA

apoio
institucional

Prefeitura do
Município
de São Paulo
Lei 010923/90

promoção



patrocínio

BOVESPA
Bolsa de Valores de São Paulo

CBLC
Companhia Brasileira
de Liquidação e Custódia

Telefônica

Votorantim

Chamber Ensemble

Há no repertório da música de câmara ocidental páginas de grande beleza, escritas para quintetos, sextetos e octetos de cordas, bem como para diversas outras combinações de cordas e sopros. Habitualmente essas obras são apresentadas por quartetos de cordas, com as partes adicionais confiadas a instrumentistas convidados. Criado em 1967 – como uma espécie de extensão da *Academy of St. Martin in the Fields*, conjunto fundado em 1959 –, o *St. Martin in the Fields Chamber Ensemble* tem permitido que instrumentistas acostumados à intimidade do trabalho diário em uma orquestra de altíssimo nível dediquem-se também a tocar peças de câmara compostas para formações ampliadas de cordas, ou escritas para cordas e sopros.

Estreitamente e para sempre associado à orquestra *Academy of St. Martin in the Fields*, de que se tornou atração suplementar, o *St. Martin in the Fields Chamber Ensemble* reúne ocupantes de Primeiras Estantes e outros instrumentistas do conjunto orquestral que lhe dá origem e prestígio. Desde a sua criação o *Chamber Ensemble* vem alcançando sucesso de público e crítica em suas turnês na Europa, nas Américas do Norte e do Sul, na Austrália, na Nova Zelândia e na China. A discografia do grupo, registrada para os selos *Philips Classics*, *Hyperion Records* e *Chandos Records*, reúne mais de trinta álbuns dedicados ao repertório camerístico formado por octetos, sextetos e quintetos de cordas, bem como suas combinações com diversos instrumentos de sopro.

As inumeráveis qualidades que fizeram da *Academy of St. Martin in the Fields* um dos mais respeitados conjuntos orquestrais da segunda metade do século XX, e algo da genialidade de Sir Neville Marriner – criador, Diretor Musical e Regente da *Academy* – encontram-se presentes também no *St. Martin in the Fields Chamber Ensemble*. Para suas apresentações na *Temporada Cultura Artística 2002* o conjunto adotou a configuração de Quinteto de Cordas com Clarineta.

Kenneth Sillito *Spalla*

Kenneth Sillito iniciou-se ao violino com sete anos de idade, aos catorze foi admitido como bolsista da *Royal Academy of Music*, onde estudou durante seis anos, com David Martin, e completou sua formação em Roma, sob a orientação de Remy Principe. De volta à Inglaterra, foi convidado a ocupar o posto de Segundo *Spalla* da *English Chamber Orchestra*, conjunto de que se tornaria *Spalla* e com o qual viria a se apresentar, também como regente e solista, em diversos países do mundo.

Membro do corpo docente da *Royal Academy of Music* desde 1971, Kenneth Sillito é reconhecido internacionalmente como camerista de primeira grandeza. Em 1967 fundou o *Gabrieli String Quartet*, de que foi Primeiro Violino durante vinte anos.

Atual Diretor Artístico da *Academy of St. Martin in the Fields*, desde 1980 Sillito é *Spalla* do *Chamber Ensemble* e realizou com o grupo diversas gravações, dentre as quais se destacam os álbuns *Operatic Ouvertures*, com aberturas de óperas de Haendel, *English String Masterpieces*, com obras de Holst, Britten, Elgar, Walton e Tippett, *Bach Cantatas*, com Jochen Kowalski, e um CD dedicado à música para guitarra e cordas, com Alexandre Lagoya.

Malcolm Latchem *Violino*

Ex-aluno do *Royal College of Music*, onde estudou sob a orientação de Albert Sammons, Malcolm Latchem completou sua formação na Bélgica, orientado por Arthur Grumiaux. Depois de tocar por três anos no Quarteto de Cordas que criou na Nova Zelândia, retornou à Inglaterra em 1959, e nesse mesmo ano foi um dos onze membros fundadores da *Academy of St. Martin in the Fields*. Paralelamente a suas atividades na *Academy*, o violinista ocupou também, de 1959 a 1963, o posto de Segundo *Spalla* da *London Philharmonic Orchestra*. Camerista bastante ativo, entre 1969 e 1980 Latchem foi um dos integrantes do *Dartington String Quartet*.

Robert Smissen *Viola*

Ex-aluno da *Chethams School of Music*, instituição na qual ingressou aos catorze anos, como bolsista, Robert Smissen completou sua formação na *Guildhall School of Music*, onde trabalhou sob a orientação de David Takeno. Vencedor de diversos concursos como camerista e solista, ao completar seus estudos foi designado para o posto de Primeira Viola da *Northern Sinfonia*, função que exerceu até o ano de 1986. Paralelamente a suas atividades com a *Academy of St. Martin in the Fields*, Robert Smissen colabora regularmente com diversas outras orquestras de câmara sediadas em Londres.

Stephen Tees *Viola*

Stephen Tees estudou no *Royal College of Music*, com Cecil Aronowitz, completou sua formação musical com Peter Schidlöf e Emanuel Hurwitz, e entre 1971 e 1984 foi membro do *Amphion String Quartet*. Além de integrar a *Academy of St. Martin in the Fields* e seu *Chamber Ensemble*, Tees é colaborador da *London Sinfonietta*, dedica-se a atividades musicais para o cinema e a televisão, apresenta-se regularmente em recitais solo, desenvolve atividades educacionais e comunitárias e pertence ao corpo docente do *Trinity College of Music* de Londres.

Stephen Orton *Violoncelo*

Formado pela *Guildhall School of Music*, de que foi bolsista e onde estudou sob a orientação de William Pleet, Stephen Orton já ocupou as posições de Primeiro Violoncelo da *Bournemouth Sinfonietta* e de Segundo Violoncelo da *English Chamber Orchestra*, orquestras com as quais também se apresentou, em diversas ocasiões, como Violoncelo Solista. Membro do *Delme String Quartet* durante dez anos, Orton ingressou na *Academy of St. Martin in the Fields* em 1986 e desde então tem ocupado a posição de Primeiro Violoncelo do conjunto.

Julian Farrell *Clarineta*

Formado pelo *Royal College of Music* e pela *Akademie für Musik und Darstellende Kunst* de Viena, iniciou sua carreira profissional em 1971. Titular do posto de Primeira Clarineta da *Academy of St. Martin in the Fields* desde o início dos anos 1980, ocupa essa mesma posição na *Orchestra of St. John's Smith Square* e com ambos os conjuntos apresenta-se também como Clarineta Solista. Julian Farrell colabora regularmente nas gravações do *Elysian Wind Quintet*, do *Fibonacci Sequence*, do *English Chamber Orchestra Wind Ensemble* e do *Delme String Quartet*, e desde 1985 é professor de clarineta na *Guildhall School of Music and Drama*.

Agradecemos aos patrocinadores que nos prestigiaram nos últimos anos.

- AFAA – Association Française d’Action Artistique**
- American Express**
- BankBoston**
- Bovespa – Bolsa de Valores de São Paulo**
- CBLC – Cia. Brasileira de Liquidação e Custódia**
- Cigna**
- Citibank**
- Daimler Chrysler**
- Eldorado FM**
- Indústrias Votorantim**
- Jornal O Estado de S. Paulo**
- KPMG**
- Pechiney**
- Pinheiro Neto Advogados**
- Semp Toshiba**
- Telefonica**
- Unibanco – Prever**
- Volkswagen**
- WestLB Banco Europeu**



Durante o espetáculo, favor não fumar, não fotografar e

NÃO COMENTAR

sobre o mercado de ações com a pessoa ao lado.



BOVESPA
Bolsa de Valores de São Paulo

É com grande orgulho que, mais uma vez, patrocinamos a Temporada Internacional da Sociedade de Cultura Artística.

Série Branca

3 de junho, segunda-feira, 21h

Benjamin Britten (1913 – 1976)

Quarteto Fantasia para Oboé e Cordas, opus 2

Andante alla marcia – Allegro giusto – Andante –
Allegro – Tempo primo

Wolfgang Amadeus Mozart (1756 – 1791)

Quinteto para Cordas em Dó maior, K.515

Allegro
Menuetto – Allegretto
Andante
Rondo – Allegro

intervalo

Johannes Brahms (1833 – 1897)

Quinteto para Clarineta e Cordas em Si menor, opus 115

Allegro
Adagio
Andantino e Presto non assai ma con sentimento
Con moto

Série Azul

4 de junho, terça-feira, 21h

Carl Nielsen (1865 – 1931)

Quinteto para Cordas em Sol maior

Allegro pastorale
Adagio
Allegretto scherzando
Allegro molto

Wolfgang Amadeus Mozart (1756 – 1791)

Quinteto para Clarineta e Cordas em Lá maior, K.581

Allegro
Larghetto
Menuetto
Finale: Allegretto

intervalo

Ludwig van Beethoven (1770 – 1827)

Quinteto para Cordas em Dó maior, opus 29

Allegro moderato
Adagio molto espressivo
Scherzo – Allegro
Finale – Presto

temporada 2002

90 anos

SOCIEDADE DE
CULTURA
ARTÍSTICA

Série Verde

5 de junho, quarta-feira, 21h

Carl Nielsen (1865 – 1931)

Quinteto para Cordas em Sol maior

Allegro pastorale
Adagio
Allegretto scherzando
Allegro molto

Wolfgang Amadeus Mozart (1756 – 1791)

Quinteto para Clarineta e Cordas em Lá maior, K.581

Allegro
Larghetto
Menuetto
Finale: Allegretto

intervalo

Ludwig van Beethoven (1770 – 1827)

Quinteto para Cordas em Dó maior, opus 29

Allegro moderato
Adagio molto espressivo
Scherzo – Allegro
Finale – Presto

Próximos Concertos

Teatro Cultura Artística

Orquestra do Século XVIII

Thomas Zehetmair *Regência e Violino Solista*

25 de junho, terça-feira

Haydn Sinfonia nº 83, La Poule

Mozart Sinfonia Concertante para Violino e Viola, K.364

Mozart Sinfonia nº 39, K.543

26 de junho, quarta-feira

Haydn Sinfonia nº 83, La Poule

Mozart Sinfonia Concertante para Violino e Viola, K.364

Mozart Sinfonia nº 39, K.543

27 de junho, quinta-feira

Haydn Sinfonia nº 59, Feuer

Mozart Concerto nº 1 para Violino e Orquestra, K.207

Mendelssohn Sinfonia nº 1, opus 11

temporada 2002

abril 22, 23 e 24 **Teatro Cultura Artística**

Nikolai Lugansky *Piano*

maio 13, 14 e 15 **Teatro Cultura Artística**

Orchestre de Chambre de Lausanne
Christian Zacharias *Regência e Piano Solista*

junho 3, 4 e 5 **Teatro Cultura Artística**

Academy of St. Martin in the Fields
Chamber Ensemble

junho 25, 26 e 27 **Teatro Cultura Artística**

Orquestra do Século XVIII
Thomas Zehetmair *Regência e Violino Solista*

julho 1, 2 e 3 **Teatro Cultura Artística**

Quarteto Beethoven de Roma *Cordas e Piano*

agosto 16 e 17 **Sala São Paulo**

Orquestra Filarmônica de São Petersburgo
Yuri Temirkanov *Regência*
Alexander Toradze *Piano Solista*

agosto 22, 26 e 28 **Teatro Cultura Artística**

Jennifer Larmore *Mezzosoprano*
Antoine Palloc *Piano*

setembro 9, 10 e 11 **Teatro Cultura Artística**

Orchestra of the Age of Enlightenment
Emma Kirkby *Soprano*
Michael Chance *Contratenor*

outubro 22 e 23 **Sala São Paulo**

Orquestra Filarmônica de Dresden
Coro da Igreja da Santa Cruz de Dresden
Roderich Kreile *Regência*

novembro 5, 11 e 12 **Teatro Cultura Artística**

Kremerata Báltica
Gidon Kremer *Regência e Violino Solista*

Sociedade de Cultura Artística

Rua Nestor Pestana, 196 Telefone (5511) 3256 0223

www.culturaartistica.com.br email: cultart@dialdata.com.br

Benjamin Britten Britten
Benjamin Britten Britten

Benjamin Britten (1913 – 1976)

***Quarteto Fantasia
para Oboé e Cordas, opus 2***

Da geração de compositores ingleses aparecidos imediatamente antes da Segunda Guerra Mundial, Benjamin Britten foi o que mais se destacou. Talento precoce que já escrevia música na infância, teve como primeiro e mais influente professor Frank Bridge. Na adolescência, freqüentou o *Royal College of Music*, onde foi aluno de John Ireland e de Arthur Benjamin, aprofundando seus conhecimentos teóricos e dando expansão ao seu inato talento de pianista. Fez carreira brilhante na Grã-Bretanha e no exterior, tornando-se bastante conhecido enquanto compositor, regente e solista de piano.

Britten deixou um extenso catálogo, que inclui várias óperas, numerosa música coral, canções, obras sinfônicas e de câmara, ao lado de música incidental para teatro e cinema, além de peças expressamente concebidas para execução por amadores e crianças. Grande animador musical, fundou o hoje famoso Festival de Aldeburgh, sendo o responsável pelo renascimento do gênero operístico na Inglaterra. Nesse domínio, a partir do sucesso alcançado com *Peter Grimes* (1945) passou a ser considerado o principal autor britânico de óperas posterior ao grande barroco Henry Purcell.

Espírito dotado de enorme curiosidade, Britten interessou-se tanto pela música dodecafônica do radical vienense Arnold Schoenberg, quanto pela arte tradicional que conheceu no Japão, em Bali e na Armênia. Entretanto, sempre se manteve fiel ao seu desejo de fazer música compreensível por qualquer tipo de público, o que acabou por determinar a sua escolha estilística, a do Neoclassicismo. Nessa medida, ele foi um artista conservador, ainda que não acadêmico. E uma obra da maturidade, dotada de grande força de impacto, o *War Requiem*, de 1962, fez com que seu nome alcançasse o grande público praticamente do mundo inteiro.

Britten dedicou-se à música de câmara em dois períodos – na juventude e no final de sua existência. Nesse campo, destacam-se os quatro Quartetos para Cordas e as várias peças para violoncelo, concebidas sob a instigação de Mstislav Rostropovich.

Foi exatamente uma partitura de câmara, o Quarteto Fantasia para Oboé e Cordas, *opus 2*, que lançou o seu nome no panorama internacional, a partir da sua estréia em Florença, em 1934. A partitura, de bela e algo intrincada fatura, tem estrutura em forma de arco, começando e terminando com uma marcha enunciada em pianíssimo. Seu núcleo consiste de uma engenhosa combinação de forma-sonata e de variação, com dois temas principais mais salientes, que o oboé não se cansa de explorar. Em seu clímax, Britten surpreende o ouvinte com um motivo novo, de caráter pastoral e dado às cordas. Depois dessa digressão, o autor retoma o seu trajeto, levando o discurso em direção a um poético silêncio.

Wolfgang Amadeus Mozart (1756 – 1791)

Quinteto para Cordas em Dó maior, K.515

Quinteto para Clarineta e Cordas em Lá maior, K.581

A produção de câmara de Mozart, numerosa e variada, contém múltiplos tesouros – desses que ouvinte algum vacilaria em colocar entre os preciosos patrimônios musicais da Humanidade. Indo de requintados divertimentos a profundas e sutis confissões existenciais, esse domínio de sua arte desvela uma imaginação que parece não ter conhecido limites. Ora, quando se diz “Mozart”, diz-se também “Música”... São essas miríades de combinações sonoras que, a partir da sua cativante materialidade, levam o ouvinte àquele universo privilegiado onde a magia da Beleza impera. E como não existe banalidade na arte de Mozart, o que de fato nela encontramos é o permanente prazer de estar em contato com

uma mente superiormente criativa e generosa, que nos leva a nos sentir maiores do que efetivamente somos.

O Quinteto para Cordas em Dó maior, K.515, está repleto de mensagens incisivas e fortes que conotam confiança e força. Sua ampla respiração e seus complexos desenvolvimentos temáticos fazem dele um dos pontos culminantes da invenção mozartiana no domínio camerístico. Ele foi composto em Viena, em abril de 1787, depois de o compositor voltar de Praga, onde assistira ao triunfo de *As Bodas de Figaro*.

O *Allegro* inicial, concentrado e intenso, contém uma audaciosa tensão no seu Desenvolvimento, em tom inteiramente fora dos habituais padrões de comportamento musical da época. Já o *Andante* se mostra como um longo noturno carregado de emoção e caracterizado por refinadas sutilezas harmônicas, as quais vão transportando o ouvinte para recônditas paragens expressivas. O *Menuetto (Allegretto)* é um dançar bastante melodioso, sonhador e algo melancólico que, por seu peculiar clima, subverte uma vez mais a expectativa do ouvinte. Sobre o *Rondo* de encerramento, um *Allegro*, disse Einstein: “é todo ele divina harmonia; harmonia no sentido técnico e harmonia entre homofonia e contraponto, entre galantaria e erudição”. De fato, nesse amplo *finale*, cheio de episódios contrastantes e que passa a idéia de ser uma afirmação de vida intensa e sem angústia, tem-se aquela prática que o próprio compositor definia como sendo a de “esconder a arte com arte”.

Dois anos mais tarde, em setembro de 1789, em meio à terrível penúria material e humana, Mozart entregaria ao mundo uma de suas obras mais doces e sentidas, o iluminado Quinteto para Clarineta e Cordas em Lá maior, K.581. Como já fizera no Trio K.498 e tornaria a fazer no Concerto K.622, ele aí explora a clarineta, então uma quase novidade instrumental,

no que de mais fundo ela tem de possibilidades expressivas e virtuosísticas. Foi levado a escrever a partitura pelo amigo e companheiro de maçonaria Anton Stadler, considerado o maior clarinetista da época.

Ao associar no Quinteto, pela primeira vez na História, esse instrumento de sopro a um quarteto de cordas, Mozart legou-nos essa que continua sendo a mais bela obra-prima em seu gênero. Cativante do primeiro ao último compasso, ela dá a impressão, na poética expressão de Rainer-Maria Rilke, de habitar o espaço reservado apenas à verdadeira música, o “do outro lado do ar”. O lirismo e a fartura temática do *Allegro* inicial, a límpida efusão melódica em clave noturna do *Larghetto*, o encanto a um só tempo alpino e popular do *Menuet* e as saborosas e nada previsíveis variações do andamento final, um *Allegretto*, conferem à partitura o seu estatuto de efetiva e incomparável grandeza.

Johannes Brahms (1833 – 1897)

Quinteto para Clarineta e Cordas em Si menor, opus 115

Brahms tinha 57 anos, em 1890, quando resolveu parar de compor. Isso depois de ter colocado no papel o ensolarado Quinteto para Cordas, *opus* 111, que considerou partitura digna o suficiente para encerrar o seu catálogo. Nessa nova obra, o severo crítico vienense Edvard Hanslick percebeu “uma intensa vida emocional”, feita “sem esforço, sem exagero, sem artifício”. Entretanto, nem o crítico nem o compositor poderiam prever que, nos seis anos seguintes, ainda nasceria da imaginação do músico uma derradeira e fulgurante floração de obras, todas elas marcadas “pela generosa e esplêndida solidez de fatura, pela intensidade expressiva e pela admirável concisão da forma”, nas palavras desse célebre escritor.

Assim, mesmo depois de ter resolvido entregar-se apenas a leituras, a viagens e ao contato com amigos, Brahms nos legaria, dentre

outras obras, 20 peças para piano, enfeixadas em quatro coleções, 12 Prelúdios-Corais para órgão e os Quatro Cânticos Sérios, um dos pontos culminantes de sua produção vocal.

O que fez o músico mudar de idéia no tocante a deixar de lado a composição foi o seu encontro, no início de 1891, com o extraordinário clarinetista Richard von Mühlfeld, que tocava na orquestra do duque de Meiningen. Brahms encantou-se tanto com as possibilidades técnicas e expressivas desse instrumento de sopro que logo compôs para ele um Trio e um Quinteto, os quais seriam seguidos, dois anos mais tarde, de duas Sonatas para a *Fräulein Klarinette*, como ele carinhosamente chamava esse instrumento da família das madeiras.

Como o Trio, o Quinteto em Si menor para Clarineta e Cordas, *opus* 115, foi escrito rapidamente no verão de 1891, em Bad Ischl, onde o compositor costumava passar suas férias. Essa obra, só comparável ao Quinteto de Mozart no que se refere à perfeição formal e à profundidade da expressão, vem encantando o público desde sua estréia. O tom plangente da clarineta, a elegância da escritura para as cordas e a fartura da invenção melódica, por certo, estão na raiz do seu permanente sucesso.

O *Allegro* inicial, em forma-sonata tratada com liberdade, enfileira três temas principais e várias idéias secundárias em um tecido sonoro banhado em atmosfera de ternura. O *Adagio* que vem em seguida, elaborado em três partes, é uma espécie de devaneio, uma doce canção de amor e de resignação. O terceiro movimento, em Ré maior, inicia-se com um breve *Andantino*, no qual o tema principal é mostrado sob ângulos diversos, e liga-se ao *Presto*, onde o material temático é tratado rapsodicamente, com espantosa liberdade. O andamento final, *Con moto*, mostra um tema de atmosfera lamentosa seguido de cinco contrastantes variações e de uma coda. Nesta última seção, aflora de maneira mágica uma idéia já apresentada no início da



Revista **CONCERTO.**
A boa música mais perto de você.

Assinaturas tel. (11) 5535-5518
www.concerto.com.br

CONCERTO
GUIA MENSAL DE MÚSICA ERUDITA

obra, o que acaba por dar a ela, simultaneamente, um aspecto unitário e um sentimento de profunda emoção.

Carl Nielsen (1865 – 1931)

Quinteto para Cordas em Sol maior

Carl Nielsen é considerado, na atualidade, o mais importante compositor da Dinamarca surgido depois do movimento romântico. Sua música, seus textos e sua personalidade incommon exerceram forte influência sobre a música de seu país durante o século XX, servindo também como fonte de inspiração para outros artistas da Escandinávia. Ele absorveu e reformulou a herança recebida, sobretudo das mãos do nacionalista Hans Gade, que foi seu professor, expressando-se em quase todos os gêneros existentes à época. São consideradas especialmente importantes as suas contribuições nas áreas da sinfonia e da canção popular. Glória nacional em vida, sua produção só seria efetivamente conhecida no exterior a partir da década de 1950, quando passou a ser tomada como “precursora” da Modernidade.

Nascido no interior da Dinamarca, em uma família humilde – ele era o sétimo de doze crianças –, Nielsen revelou dons artísticos precocemente. As canções singelas da mãe e as peças tocadas ao violino e ao trompete pelo pai, em geral valsas, polcas e escocesas, formaram suas primeiras memórias musicais. Ainda na infância, teve contato com obras clássicas, sobretudo de Haydn e Mozart, e com partituras de autores do início do século XIX que norteariam suas experiências iniciais enquanto compositor. Graças ao auxílio generoso de pessoas ricas, Nielsen pôde freqüentar o Conservatório de Copenhague, entre 1884 e 1886. Ganhando uma bolsa, foi estudar na Alemanha e na França, entrando em contato com o que se fazia ali nos anos finais do século. As óperas de Wagner e as sinfonias de Brahms produziram nele grande impacto.

Foi na virada do século XIX que Nielsen chegou ao seu estilo pessoal, distanciando-se do Romantismo e se voltando para o Classicismo, colorindo-o com harmonias, ritmos e combinações de timbres inéditos. Algumas de suas sinfonias da maturidade levam títulos que remetem à significação extra-musical – “Os Quatro Temperamentos”, “Expansiva”, “Inextinguível”, por exemplo – e seus concertos para violino e flauta ganharam intérpretes e público graças à clara beleza. Algo como o seu contemporâneo Gustav Mahler, Nielsen cultivou um estilo heteróclito, no qual a sofisticação da escritura, por vezes, é vizinha de um tom marcadamente ingênuo.

O Quinteto para Cordas encontra-se entre as primeiras peças escritas por Nielsen, em 1888. A seu respeito disse Malcom Latchem: “Ainda que partitura juvenil, o Quinteto de Cordas já apresenta fortes caracteres rítmicos e melódicos, que anunciam a inventividade de suas obras posteriores. O primeiro movimento é em cadenciado compasso 9/8. O movimento lento entoa temas e contramelodias solenes. O terceiro movimento é alternadamente dançante e langoroso. O *finale* é primeiramente enfático, depois suave e termina com um espantoso *presto*”.

Ludwig van Beethoven (1770 – 1827)

Quinteto para Cordas em Dó maior, opus 29

Para aqueles que consideram a música erudita um dos acervos artísticos mais importantes erigidos pelo ser humano, o nome de Beethoven costuma se revestir de especial importância. Não são poucos os que vêem nele o profeta libertário que emancipou a arte dos sons das convenções meramente acadêmicas. Isso a fim de transformá-la, como ele mesmo diria, em “uma revelação mais alta que a filosofia”. E, além ter emprestado um novo “sentido” à linguagem musical, ele a reestruturou de maneira

tão abissal que, a partir da sua intervenção, a própria idéia de forma passou a ser, com frequência, questionada.

Na verdade, é praticamente impossível pensar a História da Música Ocidental sem a presença radical de Beethoven. Isso porque, como raros outros, ele se impôs como um marco incontornável, na medida em que foi capaz de modificar, em profundidade, o próprio curso dos acontecimentos musicais de sua época e, também, da posteridade. Raríssimos são os compositores do passado tão reverenciados quanto ele por aqueles que o seguiram no caminho da criação musical, até hoje.

Foram muitas as revoluções operadas por Beethoven no domínio da música, sobretudo a partir da sua Terceira Sinfonia, a "Heróica" (1802/1804). Nesse sentido, a inesperada ampliação dos quadros formais, a revelação de um tom expressivo inédito, o adensamento e a concentração da escritura encontram-se entre os seus múltiplos gestos particularmente inovadores.

Entretanto, mesmo antes dessa obra sinfônica capital, Beethoven já revelava ser – além do mais legítimo herdeiro do Classicismo de Haydn e de Mozart – dono de idéias muito próprias. Provas da sua forte originalidade podem ser percebidas na sua Primeira Sinfonia, nos dois primeiros Concertos para Piano e Orquestra, na música para o balé *As Criaturas de Prometeu*, no oratório *Cristo no Monte das Oliveiras*, nos Romances para Violino e Orquestra e nas Sonatas para Piano, sobre as quais recaíram os seguintes títulos: "Patética", "Marcha Fúnebre", "Ao Luar", "Pastoral" e "Tempestade".

O Quinteto para Cordas em Dó maior, *opus* 29, é igualmente obra anterior à Sinfonia "Heróica", já que composto em 1801. Foi a segunda experiência do compositor nessa formação instrumental, que pode ter-lhe parecido menos exigente que a do quarteto de cordas, campo que seu professor Haydn explorara tão genialmente, várias dezenas de vezes. Ao fim e

ao cabo, Beethoven via o quinteto de cordas como um campo timbrístico próprio aos jogos de espírito e ao divertimento. Mas o compositor deve ter sentido um carinho especial por alguns dos temas aí empregados, pois, retrabalhados e desenvolvidos, eles voltariam a aparecer na versão de 1805 de sua ópera *Leonore*. O *Allegro moderato* inicial, de grande fluidez de escritura, concretiza a forma-sonata em clave apaziguada. O *Adagio molto espressivo* que vem em seguida, com alguns toques mozarteanos e outros melancólicos, também faz uso do mesmo arquétipo formal, só que de maneira mais condensada. O *Scherzo* que se segue, bastante animado, conta com um *Trio* carregado nas cores. O último movimento, *Presto*, exibe a robustez desse artista que ainda estava para desbravar outras galáxias sonoras, muito distantes até mesmo e sobretudo desse *Finale*.

Edição Rui Fontana Lopez

Projeto gráfico Carlo Zuffellato e Paulo Humberto de Almeida

Textos sobre compositores Sociedade de Cultura Artística

Tradução Eduardo Brandão

Editoração eletrônica BVDA / Brasil Verde

Fotolitos e impressão OESP Gráfica



Votorantim

www.votorantim.com.br



DIVAS/DB

Violinos deveriam tocar tanto
quanto telefones.

Patrocinadora da Sociedade de Cultura Artística.

Telefonica